

Da poesia à prosa, da vida à análise – Depoimento sobre Victor Guerra

Celso Gutfreind¹

Resumo: Sob a forma de depoimento, homenageia-se o psicanalista uruguaio da infância, Victor Guerra, recentemente falecido. A forma do texto resgata a história do encontro com o Victor e tenta buscar, para cada fato e afeto destacado, alguma referência conceitual do importante trabalho deste autor, especialmente em pilares como as pesquisas sobre ritmo, as interações precoces e a importância da arte no trabalho analítico. Autores como Didier Anzieu, Eduardo Pavlovky, Daniel Stern, Albert Ciccone e suas respectivas ideias são mencionados.

Palavras-chave: Depoimento. Interações precoces. Psicanálise da infância. Psicanálise do bebê. Victor Guerra.

Conhecemo-nos em plena aurora desse século, no evento de um trabalho sempre marcado por muitos afetos. Era a Semana do Bebê em Canela, capitaneada por Salvador Celia, esse precursor no atendimento de crianças e mestre afetivo. Um de nós já o conhecia a ponto de ter nele uma parte importante da sua filiação. Mas, com entusiasmo e ciúme, não hesitou, à cata de irmão, em emprestar esse pai inteiro que o outro tomou com ardor de filho. Pouco tempo depois, agora em Montevideo, o contemplado retribuiu a concessão sagrada do objeto com toda uma mãe, ninguém menos do que Vida Maberino Prego, essa precursora no atendimento de crianças e mestra afetiva.

Já tínhamos uma família, o começo assegurado, essa filiação no sentido de outro pai adotivo em comum: Serge Lebovici.

1 Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Quantos pais há num ser pensante? Quantos pais há num pai?

Quantas mães existem em quem é capaz de sentir? Quantas mães existem na mãe?

E ali estavam os (para sempre?) bebês plasticamente propensos a (re)encontrá-los no frescor da primeira chance, mas também os adolescentes (para sempre?) na segunda oportunidade, e todos nós para sempre na bênção das eternas transferências.

Com Salvador, expandíamos o *setting*, levávamos a psicanálise para a comunidade, construíamos com arte, esporte, encontro, a pele de Anzieu e todos nós para reforçar o invólucro do que mais importavam, novamente eles, os afetos no conteúdo, a postos para criar e expandir os vínculos.

Com Vida, adentrávamos as leituras de ficção e não ficção, as abstrações necessárias para suportar a concretude da vida e, levando a psicanálise para a filosofia, construíamos a pele de Anzieu e todos nós, a fim de reforçar o invólucro do que mais importava, os afetos.

Estávamos, enfim (mas termina?), quase completos e sempre gostamos de brincar com esse romance familiar. Inventávamos a nossa família, a de adoção, construíamos o espaço potencial de uma ficção em comum, no sentido winnicottiano, mas também pavlovskyano, espaço lúdico compartilhado no prazer em comum de brincar disso para partir no rumo de novas famílias, e tudo isso era meio absurdo para quem visse de fora. Era, sobretudo, dentro, onde mais se edificava.

Um era o irmão mais velho, o outro o mais novo, como na obra viva e literária de um Graciliano Ramos. Como nela, amparava-nos a nossa ficção: a família passou certa penúria no Brasil, por isso o mais velho tivera de partir (uma boca a menos para alimentar) para o estrangeiro, lá aonde veio tentar (e conseguir) a sorte de inclusive colaborar com a criação dos mais novos. De resto enigmas, questões:

- Mas isso significava que o mais novo era o predileto no sentido que Freud deu a Goethe?

- Tratava-se de mera questão de idade?

Um dizia sim a isso, o outro sim àquilo, a brincadeira ocupava e elaborava o espaço do desamparo e do desespero, o fundo de nossas coisas sem nome, preenchidas por arte, outro, encontros.

As polêmicas iniciavam como uma interação de qualidade, aberta, subjetivante, não saturada e nunca terminavam. Era como uma análise, com tudo para ser selvagem, pois fora do *setting* e, ao contrário do que parecia, tinha ternura, humor e quase tudo de bom. Seguido, as discussões eram públicas, quando estávamos

no mesmo colóquio, seja dividindo uma mesa, seja assistindo e comentando a participação do outro. *Meu irmão mais novo* isso, *meu irmão mais velho* aquilo, o que nem sempre a plateia compreendia, mas para nós importava menos a compreensão da plateia do que aquela prosódia de poder brincar seriamente em reinventar uma genealogia para uma filiação de forma desinteressada em preencher certos vazios (que preenchia), presentes em todo ser humano, mas talvez em especial nos psicanalistas, esses resgatadores da tentativa constante de sair dessa plateia e ir ao palco. Não raro, aliás, achavam que éramos irmãos de fato e uma colega chamou a atenção para como nos vestíamos de forma parecida (*coisas de mãe*, confirmávamos, cada qual chamando a mãe mais para si).

Amparados em Lebovici, com aquela filiação garantida, lançávamo-nos à afiliação, ou seja, a possibilidade de ingressar no mundo da cultura. E pensar. E trabalhar. E construir. Líamos juntos, em especial, os franceses da psicanálise do bebê - ou não - como Golse, Roussillon, Missonnier, Konicheckis (esse meio latino), entre outros, que haviam embasado um de nós (para ciúme do outro), e agora trabalhavam estreitamente com o outro (para ciúme do um), autores consistentes na teoria e na prática, e que na prática nem sempre compreendiam essa flexibilidade lúdica em vida e a convivência desses dois latino-americanos meio absurdos (como o inconsciente) e muito informais, como quando há certa continuidade nos encontros. E sugeriam, à francesa, certo cuidado no que fosse pessoal, prescrição que não cumpríamos, pois com eles havíamos aprendido a sempre tentar sermos nós mesmos.

Longas eram as discussões sobre essa psicanálise da psicanálise, se é que isso possa existir, embora certamente existisse uma metapsicologia presente em nossas falas e textos, e que nos encantava como seres pensantes em seus constructos e metáforas. Mas, se havia um Freud entre nós, também havia um Nietzsche, lá onde esse encontrava aquele, no sentido de sentir que conceito ou constructo nenhum seria capaz de se nos sustentar, não fosse a arte. A arte, no fundo, é que nos salvava e nos punha humildemente a também tentar salvar com ilusão, desilusão e muito *estar com*, como aquele Stern que também nos embalava.

Podíamos brincar dela, brincar nela, recheiar com ela os nossos textos pensantes, até que pudessem nos fazer sentir a esperança de que chegariam ao outro. E, algumas vezes, pareciam chegar. Era bem quando Freud sossegava junto ao Meltzer, ao Winnicott e mesmo ao Nietzsche, e íamos encontrar a essência da arte, estando com Manoel de Barros (*tudo o que não invento é falso*), Ferreira Gullar (*Traduzir uma parte noutra parte*), e tinha ainda a dança, o teatro, o cinema, a pintura, já que era por nós acolhida toda forma de expressão que – Freud na veia – conseguisse chegar ao miolo (no umbigo) inacessível à ciência.

Aqui, portanto, um misto de constructo e ficção no reunia novamente. E tinha a ver com o que retomamos nesse texto, parcial e totalmente co-construído. Tinha a ver com uma ideia, embora fosse mais do sentimento, de que no meio da transferência, no calor do *setting*, no embate do encontro, o que produzia subjetividade (a estrutura, a saúde mental) vinha, *noves fora zero*, do poético.

Claro que tinha, outra vez, o Daniel Stern nisso tudo, com a importância vital de *estar com*, com *harmonização* afetiva, que é esse tempo presente que nos lança e relança, não menos do que a importância de elaborar o passado, e tinha, novamente, o Freud com o seu jogo de carretel e bobina, e tinha muitos franceses com isso e aquilo da metalinguagem, mas estávamos dizendo isso do nosso próprio jeito, por menor que fosse, por menos conceitual que fosse, por mais único que fosse e havia algo em comum que vinha da (des)ordem do encontro, do poético de encontrar e desencontrar-se.

Esse algo está aqui. Tem a ver com o cientista Bion, da capacidade negativa de suportar não saber, mas ele se alimentou do poeta Keats, e aí é que está. Na fonte, com as crianças em pane de subjetividade, que continuamos atendendo, e com todas elas recompostas na transferência dos adultos, que continuamos atendendo, a (re) construção de uma subjetividade se daria especialmente nesse momento poético, de uma quase distração (a associação livre), tão próxima do Manoel de Barros quanto do Freud, da transitoriedade quanto do conceito, do romance familiar quanto da verdade da interpretação, do presente quanto do passado.

Se o tempo verbal indica que nada passa de uma hipótese, essa segue acreditando que a verdade de uma cura está mais na poesia da hipótese do que na verdade dela. Um de nossos pacientes, por exemplo, dizia o quanto os poemas e os filmes o ajudavam a dizer realmente o que sentiam. Sim, aproximavam-se – e talvez como linguagem nenhuma – do processo primário no sentido de que a arte, polissêmica e ambígua, com seus jogos de imagens e palavras, é o que temos de mais próximo do que estamos tentando dizer. Mas, analisar no fundo, não seria tentar dizer da forma mais completa e integrada (pensamento com sentimento) possível?

Não que tenhamos abandonado a importância da transformação do consciente, a primeira tópica, a interpretação, mas banha-nos sim uma psicanálise que focou mais o ambiente (Salvador, Vida Prego, Winnicott, Stern), a expressão, a criatividade, acolhendo e digerindo antropofagicamente à la Oswald de Andrade franceses como Ciccone, poetando que hoje em dia sentimos que é mais importante implicar-se do que explicar. Uma psicanálise, enfim, mais latina, à brasileira, à uruguaia ou kafkiana antes de Freud dizer que é um absurdo.

Embora nunca tenhamos deixado de tentar, sempre fomos meio ruins de explicar, de filosofar em alemão, como disse o cantor brasileiro tão apreciado no Uruguai. E, por mais que não confessássemos publicamente, tínhamos certa simpatia empática por escritores como Michel Houellebecq e seu pouco apreço a filósofos, psicólogos e sociólogos mais afeitos a interpretar – verdadeiro paradoxo, para quem tem a identidade de psicanalista. Mesmo assim, talvez tenhamos sido melhores de implicarmo-nos (Ciccione, outro francês) no embate diário com as crianças de fora e de dentro, daí, talvez, tanta implicância inexplicável (a ambiguidade), criativa de um com o outro.

Também por isso o depoimento é enxuto. Um expõe o que sente e faz disso, o outro o que faz e sente disso, cada um à sua maneira, propositadamente sem delongas, sem maiores retomadas de dialéticas, com a síntese tentada pela poesia, mas há um ponto central em que essas maneiras se juntam – o diálogo, a sintonia - para dispor humildemente as suas ciências a serviço da arte. E improvisar depois de não saber. E criar depois de repetir. Nada foi pensado ou estruturado como uma lição, mas é como viemos fazendo.

Também por isso, o depoimento é sintético como a poesia, especialmente a contemporânea, que luta como uma espécie de guardiã – como a psicanálise – de um mundo que possa ser menos marcado pelo narcisismo, pela tecnologia (a não poesia só de atos sem pensamento, de imagens sem palavras), pela aparente objetividade (da ciência, inclusive) que pouco nos alimenta diante dos vazios e do *non sense* do ciclo vital.

Daí, a opção de ser curto, mesmo se feito por dois, um ausente presente. E de abrigar versos propriamente feitos, aquém, é claro, de seus mestres Barros e Gullares, mas guardando, talvez, o sentido de que a vida começa nas interações precoces, e essas são basicamente poéticas, pouco dizíveis, ainda que artisticamente exprimíveis. Poemas não costumam ser frequentes em depoimentos de analistas, embora Winnicott os tenha feito e Freud, sem eles provavelmente não teria feito a psicanálise. Que é - conforme convergem aqui nossas visões de mundo – mais alimentada pelo que não é de costume, e provoca estranhamento como a arte.

Tem ainda, a sombra da sugestão, portanto, metafórica (esperamos) que, depois de banhada em poesia, e só depois de banhada em poesia, a criança filiada poderá afiliar-se, subjetivamente, ao mundo. E ouvir. E contar. E ter amigos. E aprender. E viver.

A prosa, aqui, vem depois do encontro, depois do lúdico, como uma possibilidade de representar, com um pouco mais de consciência, o que era inconsciente e incognoscível até então, e continuará de certa forma sendo para sempre, mas agora nunca mais completamente vazio. Um encontro, em parte, preencheu. Toda a poesia desse encontro o permitiu.

Nesse sentido, é como se a gente aguardasse na melodia o sentido que a sucederá, as palavras que encontrarão as suas notas para dizer de forma um tanto mais elaborada o que já fora dito. Por isso, acreditamos que este depoimento representa e recupera os caminhos da parentalidade, quando, depois de um banho de prosódia, a criança já pode contar. Encon(tr)ar.

Também, por isso, acrescentamos a importância da metáfora que ele manejou sempre tão bem quanto à metapsicologia. Ali, menos importa o conteúdo (conceitual) dos versos do que a forma desse processo que é fruto de um encontro.

Que encontrar preenche, se feito com empatia e arte.

Que analisar co-constrói, se feito com empatia e arte.

Assim na poesia do começo.

Assim na prosa da continuação.

Difícil continuar sem ele.

From the poetry to the prose, from life to the analysis – A testimony about Victor Guerra

Abstract: The testimony format pays homage to the of Uruguayan childhood psychoanalyst, Victor Guerra, who recently passed away. The format of the text redeems the history of the meeting with Victor and tries to get, for each fact and highlighted feeling, a conceptual reference to the important works of this author, especially in pillars as the researches of rhythm, the precocious interactions and the importance of art in an analytic work. Authors such as Didier Anzieu, Eduardo Pavlovy, Daniel Stern, Albert Ciccone and their respective ideas are mentioned.

Keywords: Baby psychoanalysis. Childhood psychoanalysis. Precocious interactions. Testimony. Victor Guerra.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 26/09/2017

Aprovado em: 03/10/2017

Celso Gutfreind
Av. Plínio Brasil Milano 812 / 505
90520-050 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: celso.gut@terra.com.br